

DOSSIÊ ESCRITA DE SI NA ESCRITA EPISTOLAR

Apresentação

Cartas, assim como cartões postais e cartões comemorativos, entregues por carteiros são cada vez menos frequentes em nossa rotina diária. Não ficamos mais à espera do grito “Correio!”, que deixava nosso coração em sobressaltos. Sabíamos que portavam notícias de pessoas geograficamente distantes e, por isso, ansiávamos chegar à casa apenas para abrir a caixa de correspondência e encontrar envelopes com belos e coloridos selos identificando o país, a cidade e o remetente antes de ter acesso ao seu conteúdo e encontrar palavras grafadas em traços inconfundíveis. Atualmente, acompanhamos via internet o pedido e serviços de entrega de compras. Cartas? Não mais. Melhor dizendo, poucas. Contas, por vezes.

Na contramão de tal escassez, durante os 580 dias no qual estive preso em função de perseguição política da qual fui vítima por ocasião do golpe, Luis Inácio Lula da Silva – Presidente da República eleito pela terceira vez, em 2022 – recebeu cerca de 25 mil cartas, reunidas no livro *Querido Lula: cartas a um presidente na prisão*¹, nas quais mulheres, homens, jovens e crianças de diferentes regiões do país confessaram ao destinatário profunda admiração, respeito e afeto. A publicação revela inconformismos, anseios, dramas pessoais, expectativas, mas também disputas políticas, injustiças sociais, preconceitos pelos quais passaram. Das cartas emergem lutas e embates por um país mais justo e igualitário, mas, sobretudo, confiança em um futuro promissor, com Lula livre. Numa grande rede de solidariedade, em papéis ilustrados das mais diferentes cores e

formatos, com palavras acompanhadas de selos presentes, os remetentes – intelectuais, militantes e trabalhadores – com sensibilidade e empatia, escreveram para apoiar, afagar, consolar, e os mais pobres, sobretudo, para agradecer pelas políticas sociais implementadas em seus governos anteriores que tanto tinham impactado suas vidas, permitindo fugir de destinos previamente traçados marcados pela fome, miséria e falta de esperanças.

Cada vez mais raras, no entanto, a carta tem uma longa história, como lembra Antonio Castillo Gómez², quando chama a atenção para o fato de que ela representa “uma das tradições escritas de maior tradição e estabilidade” (2021, p. 127), pois foram muitas as mulheres e os homens que lançaram mão da escrita epistolar para superar as distâncias provocadas tanto por grandes movimentos migratórios, exílios, conflitos bélicos, prisões e até mesmo serviços militares obrigatórios que afastavam pais e filhos, amantes, irmãos, amigos e militantes políticos que foram obrigados a partir, apressadamente e, assim, abandonar casas, famílias, trabalhos, países e sonhos.

O envio de cartas aumentou significativamente ao longo da história na medida em que a alfabetização se expandiu e os serviços postais se ampliaram. Escrevê-las exigia uma aprendizagem. Daí proliferarem manuais epistolares, nos quais circularam modelos com orientações sobre limpeza, ordem e cuidado com o que escrever e como escrever. Da caligrafia legível, ao papel a ser utilizado, o respei-

1 CHIRIO, Maud. **Querido Lula: cartas a um presidente na prisão**. São Paulo: Boitempo, 2022.

2 CASTILLO GÓMEZ, Antonio. **Grafias no cotidiano: escrita e sociedade na história (séculos XIX a XX)**. Rio de Janeiro: EdUERJ/ Niterói: EdUFF, 2021.

to às margens, o tratamento a ser empregado, nada escapava das recomendações e prescrições que difundiam. Para Verónica Sierra Blas (2003)³, eles se converteram para aqueles que pouco sabiam escrever no remédio para sua falta de formação permitindo assumir a escrita das cartas sem recorrer a outras pessoas.

Antigos cadernos escolares também evidenciam, em meio às suas páginas, que a sala de aula serviu aos exercícios para pedir, informar, narrar ou agradecer. Neles, estudantes ensaiam diálogos entre ausentes, nos quais remetentes e destinatários se dão a conhecer no modo como representam o outro e a si mesmos. Seguem as normas de forma a revelar, no ritual epistolar, formalidade, informalidade, distanciamento ou proximidade no relacionamento entre os correspondentes, projetando a imagem que têm a intenção de construir.

Nos tempos em que apenas se anunciava sua escassez – quando a comunicação escrita entre pessoas assumia novos contornos com o *e-mail* – em *Help: Sistema de consulta interativa – informática*⁴, publicado em 1995, destaca-se um conjunto de indicações que deveriam ser seguidas para usá-lo com elegância, isto é, escrever mensagens curtas para não congestionar as redes, tomar cuidado com a privacidade relativa da correspondência em computadores, responder sempre às mensagens recebidas e não escrever textos inteiros com maiúsculas, pois as palavras escritas dessa forma “equivalem a gritar, segundo a etiqueta do E-mail na Internet” (p. 293). Ainda em 2003, quando o acesso às redes sociais já atraía os jovens, eles recorriam aos *blogs* e *sites* que ensinavam a escrever cartas,⁵ nos quais cir-

culavam modelos a serem seguidos, imitados, copiados: cartas de reconciliações, rompimentos, saudades...

As cartas permanecem em nosso imaginário. Enquanto organizávamos este dossiê, esbarramos algumas vezes em Chico Buarque cantando “Meu caro amigo”, música por ele composta com Francis Hime, dirigida a um exilado da ditadura. Com características de uma carta, um diálogo com o ausente, inicia com uma saudação ao amigo, seguida das notícias que deseja informar, porém o registro é feito em uma mídia de áudio gravada e enviada por um portador. A melodia se repete e outras notícias são reveladas nesse longo poema. Como outras músicas desse período que passavam pela censura podendo ter cortadas uma ou outra frase, o letrista se alongava. Assim, a carta ao caro amigo oscila entre repetição da saudação, de refrão e de palavras escolhidas com sutileza para garantir que a mensagem chegaria ao remetente. Em outro momento, quando já finalizávamos nosso trabalho, em função da morte de Erasmo Carlos, de todas as mídias nos chegavam “Escrevo-te estas mal traçadas linhas, meu amor/Porque veio a saudade visitar meu coração[...]”, uma declaração de amor com singelas palavras. Uma carta escrita em métrica de versos. A melodia, elaborada com poucas notas, recebeu harmonização básica com acordes de quarto, quinto e primeiro graus, que reafirma para o ouvinte, ao final da estrofe, a relação entre tensão e relaxamento, atração e resolução. Há pouco uso de dissonâncias, como era do estilo da maioria das suas canções, porém com força expressiva e musical suficiente para permanecer no gosto popular, o que nos permitia cantarolar enquanto nos deixávamos invadir por lembranças de tempos distantes.

O estudo de cartas aguça a curiosidade de pesquisadoras e pesquisadores, que acreditam nelas encontrar confidências, segredos, basti-

3 SIERRA BLAS, Verónica. **Aprender a escribir cartas**: los manuales epistolares em la España Contemporânea. Gijón: Ediciones Trea, S.L., 2003.

4 LOPES, Tarcísio (consultor e redator). **Help: Sistema de consulta interativa – informática**. São Paulo: Click Editora, 1995.

5 Como, por exemplo o site: www.1001cartasdeamor.com.br.

dores, disputas e versões de acontecimentos, o que se expressa no crescente número de estudos. Os textos aqui reunidos atestam isso. Com diferentes temáticas e perspectivas teóricas e metodológicas distintas, os trabalhos selecionados de um conjunto bem expressivo de artigos submetidos representam diversas tradições disciplinares. Provenientes de várias universidades e instituições de ensino de todas as regiões do país – Universidade Federal de Rondônia (UNIR), Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Universidade Federal do Piauí (UFPI), Universidade Federal de Goiás (UFG), Universidade Federal do Tocantins (UFT), Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Universidade Federal de Pelotas (UFPel), Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio), Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Universidade de São Paulo (Usp), Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), Universidade Tiradentes (UNIT), Colégio Pedro II, Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e professores da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro e Secretaria Estadual de Educação da Bahia, bem como da Argentina e Espanha, respectivamente da Universidad Nacional de San Juan e da Universidad Nacional de Educación a Distancia – autoras e autores desataram laços de fita de maços de cartas e folhearam papéis amarelados pelo tempo para responder ao nosso chamamento. Refletiram assim sobre a escrita de si na escrita epistolar, marcada pela intenção de reduzir distâncias, suplicar, desabafar, articular, denunciar, reivindicar, defender, apoiar ou simplesmente amenizar saudades.

Neste dossiê, as autoras e autores tratam de cartas escritas por mulheres e homens, in-

telectuais e pessoas comuns, poetas, músicos, religiosos, professores, estudantes, jovens e crianças, a maior parte das vezes em um processo que transforma afetos no ato de escrever, de ler o escrito e de escrever de volta ao correspondente outra mensagem. Uma foi produzida em momento doloroso para comunicar a morte, algumas durante deslocamentos por viagem ou imigrações e outras tantas motivadas pelo desejo de estreitar intercâmbio profissional ou em contextos de formação. Temos aqui cartas entre amigos, cartas de amor, cartas entre pais e filhos. Cartas enviadas. Cartas imaginadas. Cartas para desabafar. Cartas para povoar a solidão. Quase todas foram escritas com a intenção de serem lidas somente pelo destinatário, mas há também exemplos daquele tipo que sai da pena com a vocação de ser publicizada em jornais e nas igrejas. As cartas examinadas foram localizadas em arquivos pessoais e familiares, em publicações ou em instituições de guarda. Onde estarão aquelas, cujas palavras foram apenas colocadas no papel e que nunca seguiram seus destinos? Provavelmente, permanecem esquecidas no fundo de baús de memórias.

Uma reflexão sobre a escrita epistolar como escrita autobiográfica abre o dossiê. José Ignacio Monteagudo Robledo convida a pensar sobre discursos gerados na escrita de cartas e na escrita autobiográfica na medida em que questiona se ambas são práticas culturais diferentes com aspectos em comum ou se são formas discursivas distintas de uma mesma prática cultural. Para o artigo, intitulado *Escritura epistolar y autobiografía: confrontación desde la teoría de los géneros discursivos*, o autor utiliza como fontes os epistolários e as narrativas de vida que participaram dos cursos Memoria de la Emigración de Castilla y León. Em diálogo com Volóshinov (1992) e Bajtín (1999), analisa a perspectiva discursiva e destaca que ambos os gêneros podem ser

considerados como análogos, pois estão conectados à realidade, ao discurso e apresentam intensos indicadores de subjetividade e intertextualidade. Em suas palavras: “[...] Podríamos decir que la ontemporânea es el más privado de los discursos públicos y el epistolar el más público de los discursos privados [...]”. O autor destaca, ainda, que a escrita epistolar e a escrita da própria vida são atividades sociais com incidência em processos de produção, circulação e interpretação de textos.

Expor o processo de construção do objeto de pesquisa motivou Jaqueline Vieira de Aguiar a escrever um texto de cunho autobiográfico, no qual narra sua aproximação com as cartas das Princesas Isabel e Leopoldina, ainda meninas, sob a guarda do Museu Imperial. Em *Educação nas cartas: a construção de um objeto de pesquisa*, a autora demonstra como se deu o encontro com o *corpus* documental, as dificuldades para a leitura e as questões que orientaram sua interpretação quando se deparou com um conjunto expressivo de cartas enviadas pelas herdeiras do trono aos seus pais: D. Pedro II e a Imperatriz D. Teresa Cristina. Examinou as cartas deixadas atenta aos suportes e utensílios da escrita, ao tratamento utilizado, às línguas em que foram escritas, aos assuntos tratados e às intenções que as levaram a escrever com assiduidade aos pais, muitas vezes distantes. Nesse percurso, apontou para a aprendizagem da escrita de cartas como parte de um projeto maior de educação de mulheres educadas para governar.

No artigo *A escrita de si de Dom José Maria Pires: entre cartas pastorais e homilias (1975-1980)*, os autores Maria das Graças da Cruz Barbosa, Felipe Cavalcanti Ivo e Maria Elizete Guimarães Carvalho estimulam os leitores e leitoras a mergulharem nas Homilias e Cartas Pastorais de Dom José Maria Pires – primeiro arcebispo negro do país – com atuação na Paraíba, durante a ditadura militar, enten-

do que elas foram escritas com a intenção de denunciar a opressão, as injustiças e as perseguições sofridas. Marcados por um forte compromisso com os excluídos e esquecidos, seus textos procuravam mobilizar aqueles que eram objeto de repressão e violência. Para os autores, nesse processo, o arcebispo não só se dava a ver, mas “escrevia a si mesmo, pois a cada palavra e situação denunciada através de suas cartas, assumia uma posição de resistência às barbáries praticadas pelo regime ditatorial”.

Além de partituras, gravações e instrumentos musicais, cantores líricos, pianistas e compositores deixaram importantes registros de seus percursos profissionais em suas correspondências. Em *Cartas do barítono Raimundo Pereira: potencialidades da escrita epistolar como fonte em estudos biográficos*, Ednardo Monteiro Gonzaga do Monti e Marcia Pereira de Oliveira examinam cartas escritas pelo cantor para sua mãe e outra para o maestro Reinaldo Carvalho, seu conterrâneo piauiense. Além de cartas privadas, os autores utilizam cartas publicadas sobre ele na Coluna Correios, na coluna Cartas e na Coluna Opinião do Leitor, *Jornal do Brasil*, fontes que abarcam uma temporalidade entre os anos de 1983 e 2000. Ao longo do texto, os autores desenvolvem narrativa que revela de que forma a correspondência pública e privada representa potencialidades para construção de estudos biográficos. As fontes e a interpretação desvelaram informações sobre a carreira do barítono, pontuada por conflitos, decepções, expectativas, sucessos, militância, viagens e atuação em palcos de diversas cidades e países.

Inês de Almeida Rocha retoma a correspondência ativa da professora de música e cantora Liddy Chiaffarelli Mignone para o musicólogo e escritor Mário de Andrade e lança novas questões, à luz de referenciais teóricos que possam contê-la a compreender questões de gêne-

ro, classe social e raça desveladas na escrita das cartas. Demonstra como é possível revisar fontes lançando questões que emergem da contemporaneidade da pesquisadora para vislumbrar outras facetas do objeto. O texto intitulado *“Uma modestíssima e escondidíssima admiradora”: cartas de Liddy Mignone para Mário de Andrade* analisa como essa mulher, com uma trajetória profissional tão à frente de seu tempo, principalmente a partir da década de 1930, posicionava-se em segundo plano, em relação a homens de seu ambiente acadêmico e de trabalho.

Entre as cartas de músicos, temos ainda o artigo de Fátima Graciela Musri, que, em *Fragmentos de la vida musical de Arturo Berutti recogidos de sus epístolas*, nos permite conhecer a história do compositor nascido em 1858, em San Juan, uma cidade ao norte de Buenos Aires. Escrita ao longo de sua carreira profissional, a correspondência analisada está arquivada no Instituto Nacional de Musicología “Carlos Veja”, na capital de seu país. Ao analisar a correspondência do músico Arturo Berutti, falecido em 1939, que construiu uma significativa carreira como compositor de música de concerto, a autora buscou desvelar sua subjetividade no processo de criação musical das suas primeiras óperas e, assim, conhecer como foram feitas as opções composicionais adotadas na finalização das obras.

Com ênfase no estudo da gênese de individualidade, subjetividade, personificação, despersonificação que a escrita do poeta Fernando Pessoa revela sobre si mesmo em cartas para remetentes imaginários, Antônio Leandro Barros nos apresenta a gênese dos heterônimos do poeta português. Em troca epistolar entre personagens inexistentes, o poeta vai construindo outras individualidades e a notabilizada heteronímia. Em um processo que denomina de “desdobramento cartográfico”, ele vai desvelando como Fernando Pessoa inicia

a utilização de heterônimos, como um “jogo próprio do poeta de construir ali também, enquanto quem escreve e explica, as relações ao mesmo tempo entre autobiografia e ‘história direta’ das suas despersonalizações”. O título do artigo remete a uma longa jornada epistolar e densidade existencial: *O “drama em gente” de Fernando Pessoa: das cartas de amor às cartas astrais*. Tanto nas cartas amorosas a Casais Monteiro, quanto nas cartas astrais escritas pelo poeta, foi possível “encontrar planos de existência sendo compostos de modo ficcional, mas não menos reais por isso”, ou em outras palavras, narrativas epistolares constituindo personas.

Dentre os muitos registros da vida de pessoas comuns, encontramos correspondências cuidadosamente guardadas e, em especial, as cartas de amor. Aline Pereira Castro de Carvalho e Ana Chrystina Mignot elegem a troca de cartas entre um homem e uma mulher que, durante o namoro e noivado, viviam em cidades distantes. Em *Peço perdoar os borrões: marcas da escolarização em cartas de amor*, interpretam como os dois se aproximaram, apresentaram-se, representaram-se e apaixonaram-se por intermédio da escrita epistolar. Atentas à materialidade das cartas, as autoras se detiveram na mudança de caligrafia da correspondente que indicava que as primeiras poderiam ter sido escritas por outra pessoa. Instigadas por tal observação, folhearam os velhos papéis grafados com letras trêmulas procurando compreender as razões que a teriam levado a lançar mão da escrita delegada. Seguem, assim, em busca dos processos de escolarização dos correspondentes.

Alan José Alcântara de Figueiredo remexe cartas trocadas entre pais e filhos, irmãs e irmãos e primas e primos, moradores de Macaúbas, interior da Bahia, em seu artigo *Capítulos da história de uma família registrados em cartas*, entendendo que elas são escritas de pes-

soas comuns. O autor não se surpreende com o número significativo de cartas preservadas inicialmente por sua avó e que passou a guardar, uma vez que, em meados do século XX, em rincões mais distantes das capitais, “‘ler e escrever uma carta’ era índice de alfabetização”. Na zona rural, contratava-se um “[...] professor leigo para ensinar aos analfabetos daquela região [...] as quatro operações fundamentais da matemática e, [...] ler e escrever uma carta”. Tomando como importante referência recente estudo de Antonio Castillo Gómez, publicado no Brasil, em 2021, dentre outros, o autor em sua releitura das cartas procura mapear remetentes e destinatários atento ao contexto, às motivações e aos temas tratados, o que permite adentrar por afetos, afinidades e divergências religiosas e políticas, além de efemérides familiares.

Nem todas as cartas chegam com boas novas. Impactam, surpreendem, marcam para sempre. Despertam lágrimas que, sem nos darmos conta, não param de rolar. Sobre uma única carta que traz igualmente uma única fotografia, Jossier Sales Boleão narra em primeira pessoa a dolorosa experiência de receber a notícia do falecimento de sua mãe que havia partido rumo ao norte do país, no belíssimo, corajoso e comovente artigo “*Favor entregar*”: *trajetória de uma carta, sua imagem e narrativa de vida e morte*. A imagem que acompanha o escrito fustiga de modo definitivo a sua memória. Assim, interroga: “que histórias habitavam aquela história estática da fotografia do velório da mãe? Que caminhos fizeram essas histórias até chegar ao seu destino (se chegaram)? Que narrativas vivas a morte mobiliza em seu silêncio e segredo?”

A correspondência trocada entre duas mulheres ao longo de muitos anos de amizade é examinada no texto escrito por Eliane Peres e Simone Menezes Karam, no qual ressaltam a relevância de suas atuações profissionais, uma

em sua cidade natal e outra em âmbito internacional. As cartas e cartões postais guardados revelam as percepções de mundo e da “vida privada, que se esconde atrás da cena pública”. Desse modo, *Querida Ruth: correspondência de Moema Toscano a Ruth Menezes Karam*, apresenta a formação acadêmica e atuação profissional de duas mulheres nascidas no sul do país, que se deslocam, ainda muito jovens, para completar os estudos na cidade do Rio de Janeiro. Além da atuação pública, da militância e de como foram afetadas pela vida política, principalmente durante o período do Golpe Civil e Militar de 1964, examinam fatos corriqueiros do cotidiano que entrelaçam o público e o privado.

Intelectuais escrevem uns aos outros para discutir projetos comuns e estreitar laços de afeto e ampliar redes de sociabilidade. Em *Cecília e Alfonso: educação e intercâmbio cultural em diálogos epistolares Brasil-México (1930-1936)*, artigo de Jussara Santos Pimenta, o foco recai na troca epistolar entre Cecília Meireles e Alfonso Reyes (1931 a 1940), tendo a educação e a literatura como temas centrais de suas missivas. A autora examina as cartas preservadas no acervo sob a guarda da Capilla Alfonsina, no México, onde podem ser encontrados, entre os remetentes, ensaístas, poetas, historiadores, sociólogos, pintores e críticos de arte, muitos deles brasileiros, numa vasta rede epistolar. Partindo de um amplo mapeamento sobre os inúmeros correspondentes que ambos tiveram ao longo da vida, a autora nos sugere acompanhar “parte do que foi debatido pelos dois amigos naquele espaço íntimo que oportunizou confidências, planejamento de ações em conjunto, testemunho de acontecimentos, troca de impressões sobre livros emprestados e lidos, envio de recortes de jornais, conferências apresentadas e até mesmo espaço franqueado a críticas e gracejos sobre desafetos em comum”.

“*La atenta carta*” a troca epistolar entre Lourenço Filho e Jaime Torres Bodet no espaço Brasil-México (1940-1950) é o título do artigo de Rony Rei do Nascimento Silva, Ilka Miglio de Mesquita e Ana Clara Bortoleto Nery, no qual tomam o diálogo tecido por dois intelectuais que se mobilizaram pela educação. Os correspondentes tinham legitimidade para propor soluções para as questões educacionais. O mexicano era político, filósofo e escritor e além de ter trabalhado no gabinete de três presidentes de seu país, foi diretor-geral da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) entre 1948 e 1952 e, posteriormente, embaixador na França. Lourenço Filho, por sua vez, ocupou vários cargos na gestão da educação no Brasil, tendo sido um dos signatários do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, em 1932. “Como se estabeleceu a troca epistolar entre Manoel Bergstrom Lourenço Filho e Jaime Torres Bodet? Por que as cartas trocadas entre agentes da Unesco e Crefal foram guardadas? Quais as condições históricas de produção dessas cartas?”, são as questões que orientam a reflexão que permite observar o esforço realizado para estabelecer intercâmbios internacionais entre educadores que ocupavam papel de destaque no debate e na formulação de projetos educacionais de seu tempo.

Cartas viajam. Atravessam mares. Levam notícias para aqueles que permaneceram, quem sabe, à espera de um convite para seguir também. O artigo *Escritas de si e representações de imigrantes poloneses sobre Santa Catarina em cartas enviadas à Polônia (1890/1891)*, de Méri Frotscher e Geovana Carolina de Lima, discute como poloneses recém-chegados ao Brasil relatam aos seus conterrâneos, que viviam na terra natal, as experiências em outro país e as representações que fazem do novo ambiente, população e cultura encontrados. Interpretando as 12 cartas selecionadas den-

tro do conjunto de 60 missivas, as autoras conectam a análise da escrita de si à relação de alteridade estabelecida entre o narrador e o objeto que está sendo narrado. As fontes de investigação estão publicadas em português no volume 8 dos Anais da Comunidade Brasileiro-polonesa, 1977. As narrativas, segundo as autoras, evidenciam sujeitos sensibilizados pela experiência do deslocamento e da colonização em Santa Catarina e como reagiram às intempéries que enfrentaram em novas condições de vida, trabalho e sociabilidades.

Viajantes escrevem sobre o que viveram, viram e sentiram em terras alheias, deixando importantes testemunhos sobre os modos como conhecimentos circulam. Com essa compreensão, Shayenne Schneider Silva se volta para as cartas de um viajante. João Ribeiro – professor, literato, filólogo, jornalista e escritor – partira para a Alemanha em 1895 com a missão de estudar a organização e métodos empregados no ensino primário e secundário. Durante o período em que lá esteve, foi correspondente de um jornal e escreveu para os amigos. Essas escritas epistolares inspiram o artigo intitulado *Sob o olhar de um baudard brasileiro: escritas de si nas cartas de viagem de João Ribeiro*. As 40 cartas no *O Commercio de São Paulo*, entrecruzadas com suas cartas pessoais, indicam que o missivista nas primeiras se destacava como um arguto observador da vida no país visitado, mas, naquelas que foram endereçadas aos amigos, ele tinha outras intenções: pedir, agradecer, encurtar distâncias e confessar saudades. A autora se debruça sobre as cartas “a fim de perceber as motivações, os contextos, as redes de sociabilidade e as impressões de viagem tecidas pelo sujeito que narra com detalhes sua travessia”.

As cartas invadem também a escola e a sala de aula. Débora Medeiros do Amaral e Aline Machado Dornelles trazem o artigo *Cartas narrativas sobre cotidianos escolares – movimen-*

tos de palavras faladas e palavras escritas, no qual tecem reflexões sobre a complexidade do cotidiano escolar e como a escrita, mais especificamente as cartas narrativas possibilitam a construção de conhecimentos relatados e experienciados no dia a dia escolar. Para elas, essa escrita permite a vivência de uma escuta sensível e atenta à escola, à docência, às experiências de vida e da formação discente e docente, além de possibilitar registros dos conhecimentos produzidos. Alertam que a conversa-escrita das cartas narrativas oferece possibilidades teórico-metodológicas da pesquisa autobiográfica, em um constante repensar/reviver de experiências em busca de pedagogias que atendam às demandas a serem enfrentadas.

No artigo *Cartas-Relatórios em um estágio supervisionado em Psicologia Escolar no contexto pandêmico*, Ladislau Ribeiro do Nascimento narra como essa tipologia de escrita foi utilizada como estratégia de uma prática de estágio supervisionado em Psicologia Escolar e Educacional, que promoveu uma intervenção psicossocial em formato *on-line* para 20 professores da Educação Básica em encontros síncronos. Estando em contexto pandêmico, o recurso foi planejado para gerar um espaço de diálogos e reflexões sobre as experiências e fazeres pedagógicos vividos. Ancorado em conceitos como Análise Institucional, pesquisa-intervenção e no pensamento de Foucault acerca dos modos de subjetividade engendrados nas chamadas instituições disciplinares, o autor considerou que uma realidade pode ser conhecida a partir do momento em que nela estamos produzindo mudanças “[...] e quando somos capazes de acompanhar os efeitos de nossas práticas e das transformações delas decorrentes, por meio de análises, reflexões e produção de registros [...]”.

Dentre as classes trabalhadoras mais prejudicadas durante o período mais cruel

da pandemia de covid-19, estão músicos e demais profissionais da cultura. A arte, contudo, foi redentora e muitos encontraram refúgio, forças e formas de se reestruturar em suas práticas. No âmbito da formação de professores de música, a responsabilidade foi grande, pois a atuação em diferentes espaços formativos envolveu o sensível, o subjetivo, a criação e a expressão simbólica-artística. Tamar Genz Gaulke, no artigo *Cartas como dispositivo de formação: experiências de estagiários de música na pandemia*, relata pesquisa realizada por estagiários do curso de licenciatura em Música que registram experiências durante a crise sanitária em 2021, nas escolas de Educação Básica nas quais atuaram buscando compreender o processo de construção das experiências docentes por meio das cartas como dispositivo de formação, o que lhes permitiu valorizar, significar e ressignificar concepções que serão úteis para a futura atuação profissional.

Antes de colocar o ponto final, permitimo-nos ainda lembrar que diante das tecnologias digitais de informação e comunicação que potencializaram a extremos inimagináveis a comunicação entre pessoas, as cartas manuscritas delicadamente dobradas dentro de envelopes praticamente desapareceram. Esse novo suporte traz celeridade para a comunicação, para o descarte, para o esquecimento, para a superexposição e para a rápida invisibilidade. Dualismos extremos. Porém há que se ressaltar filigranas dessa potencialidade contida ou explosiva e destacar as conexões, as redes, as ligações, perceptíveis a um olhar mais curioso.

Quase não escrevemos mais cartas no papel. Já não conhecemos a caligrafia de nossos correspondentes das redes sociais. A emoção e o impacto que o manuseio de envelopes e papéis finos representou para outras gerações são sentimentos desconhecidos e não fazem

mais parte do cotidiano dos jovens. Porém, por serem cada vez mais raras, as escritas epistolares no antigo suporte tornam-se cada vez mais atrativas e importantes como fontes de

registro de ideias, sentimentos, emoções, fatos, visões de mundo, concepções e apreensões da realidade, construção de subjetividades e modos de viver.

Rio de Janeiro, 10 de dezembro de 2022.

Ana Chrystina Mignot*

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Inês de Almeida Rocha**

Colégio Pedro II

Universidade Federal do Estado do

Rio de Janeiro

* Doutora em Ciências Humanas-Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Professora titular da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Pesquisadora do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Cientista do Nosso Estado (Faperj) e Procientista (UERJ-Faperj). *E-mail:* acmignot@terra.com.br

** Doutora em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), com bolsa do Programa de Doutorado no País com Estágio no Exterior (PDPE) na Universidad Alcalá de Henares, e pós-doutorado na Universidad de Valladolid. Professora titular do Departamento de Educação Musical do Colégio Pedro II. Professora colaboradora permanente do Programa de Pós-Graduação em Música (PPGM) da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio), líder do Grupo de Pesquisa Práticas Ensino Aprendizagem e Música (Gepeamus), cadastrado no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) *E-mail:* ines.rocha@unirio.br